O DEMOCRATA (AVENÇADO)

ANO 36.º — Sábado, 18 de Setembro de 1943 — N.º 1802

VISADO PELA CENSURA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Neutralidade altruista

«Portugal não está directamente empenhado na guerra, mas os portugueses têm de sofrer como os outros». Foi Salazar quem proferiu estas palavas. E o *Times*, oncastoando-as num artigo sôbre a nossa política internacional e interna, publicado em 8 do corrente — enfileira, como alevantados exemplos e irrefutáveis provas de nunca as frases do Chefe deixarem de gravar-se nas lápides dos factos com o escopro da Verdade, as «mil e quinhentas vidas» de vítimas de naufrágio por torpedeamento, que «a nossa Marinha Mercante salvou„.

Á análise clarividente de quem, justiceiro e compreensivo, nos saiba mais do que nunca restituidos à têmpera de valor desinteressado que enformou a alma lusa desde os tempos primevos, pode não parecer enumerável entre os sacrifícios o que é apenas galardão humano e troféu de consciência pura. Mas, se ressuscitarmos à memória o conceito de Le Fur (perfilhado pelo brasileiro Gilberto Osório de Andrrde no seu livro *Os fundamentos da neutralidade partuguesa*) de que «é preciso insistir menos sôbre os direitos dos neutros e mais sôbre os seus deveres» — melhor perceberemos a ausência total de egoismo numa atitude que ao Mundo, confrangido e alanceado, tem sido útil e crèdora de admirativo reconhecimento.

"Salazar não agiu levado pelo horror da responsabilidade nem pelo medo das conseqüências de uma definição partidária» — atesta o dr. Costa Pôrto, ilustre jurisconsulto da nação irmã, numa crónica recente.

E assim foi «A atitude adulterada e pávida duma neutralidade imposta por comodismos irresponsáveis, na expectativa de jogar se cartada oportuna quando se definisse a maior fôrça de alguns dos contendores — não é nem nunca poderia ser a atitude portuguesa.

Partugal Nova — que é, afinal, o Portugal Eterno, bloco de mármore onde os veios são sangue leal, a estremecê-lo milagrosamente de vida—não se fica em «nirvanas» ou contemplações apáticas. Legitimando o seu firme proceder, está a característica *activa* e *altruista* duma neutralidade semeadora de benefícios, embora colhendo—sem disso se lastimar doridamente — as quota-partes de sofrimento e restrição que tôda a solidariedade nobre e desinteressada comporta.

Assim nos compreende e respeita a opinião mundial.

E tanto basta para que a sintamos de acôrdo com a nossa clara consciência.

P. S.

Além túmulo

António Máximo Júnior

Vai fazer um ano, na próxima terça-feira, que a vida dêste prestimoso aveirense se extinguiu.

Recordamo-lo saüdosamente pois muito havia a esperar dos seus empreendimentos em prol de Aveiro, como já o havia tentado noutros tempos em que uma série de embaraços e de dificuldades entravaram as suas iniciativas, dando em resultado sofrer inúmeros desgostos que abalaram profundamente o seu arcaboiço.

António Máximo, homem de acção e bem intencionado, possuia predicados que muito enobreciam o seu carácter, motivo por que mais uma vez prestamos homenagem à sua memória.

Mulher pretendida...

Na imprensa diária deparou-se-nos a notícia de que uma viuva mexicana, nova, rica e gentil recebeu, oito dias depois da morte do marido, um pedido de casamento ao qual respondeu da seguinte forma:

Meu querido amigo:

Lamento sinceramente que a sua declaração me tenha chegado às mãos tardiamente, pois que fui ontem mesmo pedida pelo nosso comum amigo X, também amigo do meu falecido marido. Lamento-o tanto mais quanto é certo ter experimentado por si, mesmo na constância do meu primeiro casamento, uma simpatia notável. Chegou tarde! Mas a culpa foi sua, pois se me queria para sua mulher, deveria há mais tempo informar-me dos seus sentimentos, visto que desde larga data não era segrêdo para ninguém que o meu defunto marido não tinha nenhuma probabilidade—coitado!—de continuar vivendo.

Não perca, porém, a esperança, que o futuro a Deus pertence. Tudo pode vir a ser.

Creia na minha ternura.

E não foi preciso pôr mais na carta...

Pelo Teatro

A nós e a muitos espectadores com quem trocámos impressões não agradou a comédia *O Tio Misérias*, que aí veio representar a Companhia do Teatro Apolo de Lisboa na terça-feira passada.

António Silva e Silvestre Alegrim estiveram deslocadíssimos; do resto nem se fala.

Casa cheia, completa. O que não admira, atendendo ao réclame.

Mal empregado tempo!

Isto para que se não diga que Aveiro tem boa bôca e é de bom comer...

Falta de papel

Continua a escassear no mercado o papel de jornal, dando origem a que muitos dos nossos colegas da províncias se publiquem apenas com duas páginas, tal a dificuldade que encontram em o obter.

Pela nossa parte não fazemos excepção à regra. Estamos, porém, empregando todos os esforços no sentido de evitar o regimen por êles adoptado. Mas consegui-lo-hemos? E' o que resta saber. Isto está mau, muito mau, mesmo, não se vislumbrando ainda uma nesga de esperança que possa conduzir-nos a melhores dias. Todavia, êles hão-de vir para compensarem as agruras da actualidade.

Bem dada bola...

Recortamos êste naco duma crónica de Lisboa:

Contaram-me esta e eu gosto, às vezes, de fazer êstes registos. Um sujeito das minhas relações estava um domingo dêstes a trabalhar, quando se lembrou de dar um salto até à Avenida a tomar um pouco de ar e beber um café para chicotear os nervos. Chegou e viu um amigo que estava acompanhudo com um cidadão dêstes que trazem estampado no rôsto a abundância que lhe vai no bôlso. Apresentações, muito gôsto, muito prazer, e o sujeito meu conhecido ao ver o olhar de comiseração que lhe lançou à indomentária o cidadão apresentado, é que reparou que saíra de casa com o seu facto de trabalho.

Sentaram se os três a uma mêsa e o cidadão só olhava de revés para o fato do sujeito meu amigo, talvez envergonhado de ter a seu lado tão pelintra criatura. Pela conversa o sujeito meu amigo percebeu que o cidadão era lavrador alentejano, e durante meia hora só ouviu citar moios e contos. E a conversa era só entre os dois, porque o cidadão *abundante* não se dignara sequer trocar impressões com o pelintra mal mal vestido que tinha a seu lado. E o sujeito meu amigo a rir-se e a ler no íntimo do cidadão *abundante* o que êle estava pensado a seu respeito...

* * *

A certa altura o cidadão *abundante* bateu as palmas, como quem numa praça de toiros incita o *bicho* para uma sorte à tira. Vem o criado e o sr. *abundante* engrossou a voz e disse:

—Trás-me *Brêvas*...

E veio o charutâme. O amigo do sujeito meu conhecido não fumava, e o sujeito meu conhecido estava fumando um cigarrinho rechonchudo feito por êle.

O cidadão *abundante* tirou um *Brêva* e fechando a caixa, não fôsse o diabo pregar-lha, disse apenas por entre dentes:

—Não fuma, não?!

Então o sujeito meu amigo, com uma grande calma, e lembrando-se que tinha no bôlso 20 escudos, disse-lhe:

—*Disso* não fumo. Estou habituado aos meus.

E chamando o criado:

—Faz favor traz-me *Hoyo de Monterrey*...

—De que prêço?

—Dos de 18 escudos.

E acrescentou:

—Pode guardar o trôco...

Contou-me, depois, o sujeito meu amigo, que, no resto do tempo que ali esteve, recebeu tantas *Vossas Excelências* que se aquilo dura muito, vomitava.

Eu apenas lhe disse, à laia de comentário:

—Homem! Por vinte escudos, foi barato..

A vida é isto. *Encadernação* e basófia. Pésa-lhes no bôlso o dinheiro, e olham os pelintras de través.

Mas às vezes os pelintras também têm 20 escudos...

Olé se têm. E fazem ver aos endinheirados que não são tão brutos como êles... pensam.

Vilegiatura em Sever

Pelo dr. Alberto Souto

II

Sever do Vouga, é pois, um concelho serrano, vivendo quási todo alcandorado na montanha ou debruçado sôbre o rio.

Nas duas margens a serra está pontuada de lugares. O povo barqueia pelo Vouga abaixo, conduzindo à ribeira, à marinha e à cidade as lenhas, as carquejas, as frutas e as madeiras dos seus montes; apascenta gado nas cumeadas pedregosas e trabalha as terrinhas ferteis dos vales e dos socalcos das encostas.

Não há grandes rebanhos de lanígeros como na Estrêla onde é freqüente ouvir-se a estranha música transumante de milhares de cabeças; por isso a pastoricia profissional não existe e o pastoreio é doméstico e familiar, pequenino como o concelho e exercido pelas mulheres e pelas crianças.

Eram da há muito desconhecidos os lobos, mas agora já por cá vagueiam e ainda há pouco, na ravina de Rocas, encheram de susto e lágrimas uma pastorita de cabelos de oiro que, quando escutam os écos do próprio cantar, viu uma fera, atrevido e solerte, espantar-lhe o gado e tassalhar-lhe, num repente, o melhor carneiro da manada.

Ainda não tive a sorte, boa ou má, em qualquer caso emocionante, de avistar, entre os matagais e as penedias, a pelagem amarelo-parda dos lobos do Arestal, mas o Leonidio da Graça, que da Bairrada emigrou para o alto de S. Tiago, já os encontrou nada menos de seis vezes no decurso de um ano e fabricou uma lança à maneira gentílica para os trespassar de lado a lado, se êles consentirem no arrimo ou se tiverem de novo a ousadia de lhe mostrarem de perto as guelas ao mesmo tempo hiantes e uivantes.

Não há pastores de frauta e surrão com os cãis valentes como os do Ermínio porque as nossas serras de entre Caima e Alfusqueiro cabem no regaço da serra da Estrela e cobrem uma área que pouco excederá duas dúzias de herdades e montados do Alentejo.

Mas tem barqueiros, Sever, que vivem todos ali pelo lugar do Soligo e amarram os barcos ao lado da ponte do Poço quando descançam da subida do rio entre o cais de Aveiro e os primeiros granitos do percurso.

Estes barqueiros do rio dôce e os barcos de Sever, são os arautos que anunciam a marinha aos viajeiros que descem da Beira de Vizeu e da Beira do Alto Vouga.

Ainda há pouco, no ardor estremo da canicula, me confessava um amigo, descido do planalto beirão, que quando chegavam as suas férias e lobrigava nas azougadas curvas da linha férrea as velas enfunadas dos barcos de Pessegueiro, sentia maior refrigerio no corpo e na alma do que com o mais gelado das sorvetes artificiais. E que sentia, também, dizia-me êle, maior prazer e alegria do que em tôdas as suas dispendiosas viagens pela estranja onde a terra, bela e rica embora, não sabe falar esta língua portuguesa que não é só vocábulo e idioma, mas que é, simultâneamente, sentimento que se articula e paìsagem que se vocalisa!

* * *

Duas serras dominam Sever, como já disse: a das Talhadas, contraforte do Caramulo, e a do Arestal, promontório do macisso de entre Vouga e Douro, avançado sôbre a marinha.

Ribeiras fragüentas—onde é vulgar uma truta magnífica — crivadas de curiosíssimas *caldeiras de gigantes*, retalham as lombas, conduzindo ao Vouga as águas dos cabeços.

Além de Rocas, o rio Gresso formou o *Poço do Inferno* entre alcantis e rochas abruptas; em Silva Escura, o *Rio Mau* salta de 30 metros para o fundo do covão da cascata da *Cabreia* que se esconde em arvoredo; para lá do vetusto Couto de Esteves, a ribeira de Arões cachôa nos degraus da *Misarela de Agualva*, vencendo o desnível violento.

No fundo dos vales, os poços das minas de chumbo, prata e cobre — Braçal, Malhada, Coval da Mó, Talhadas—já exploradas pelos romanos, com centenas de metros de profundidade e dezenas de quilómetros de galerias subterrâneas, demonstram as riquezas do sub-solo, esperando novos empreendimentos.

Pelos lameiros e planaltos, vacas da raça arouquesa, de excelente lactação. Nos abrigos, frutas de primeira categoria, entre as quais avultam as laranjas, rivais das melhores do país.

Panoramas grandiosos, aspectos perturbantes! É a feérica visão do Vale do Vouga, a vizinhança do Vale de Cambra, o estendal do labirinto dos canais da Ria, o espelho do Oceano, o recorte das cumeadas, a esmeralda das *lavouras*, o pitoresco dos povoados... E' a vista enorme e assoberbante que se estende dos confins de

Crónica alfacinha

A independência da mulher

Tal como o homem, a mulher nasceu com um determinado grau de inteligência.

Da mesma maneira um e outro a desenvolveram ou não. Está provado que a mulher é capaz de dar solução a graves problemas e de possuir, por vezes, uma fôrça de vontade perfeitamente viril. Não foi o nosso século que nos mostrou isto. Através de todos os tempos, a história nos aponta casos de mulheres, que marcaram um ponto de gloria.

Não me consta que nenhuma delas para exercer um alto cargo político, defenderem a sua Pátria, armarem seus filhos cavaleiros, indicarem o caminho da boa moral ou chefiarem uma organização, tivessem deixado de ser femininas.

A mulher torna-se independente, isto é, deixa de ser escrava do homem, quando êle a reconhece superior, pela sua inteligência e bondade, pelas suas inúmeras qualidades que a fazem subir a um nível também alto.

Não é necessário abdicar das saias e pôr um cigarro na bôca para se emancipar.

Nos nossos dias, a mulher que quere usar êste título, embora não saiba a sua significação, julga-se perfeitamente igual ao homem, não só moral e intelectualmente, o que era justíssimo, mas até na aparência o que é absolutamente ridículo.

Aquelas que trocam o lar pelos cafés e clubes, que jogam e têm todos os caprichos próprios de desiquilibrados, nem mesmo assim conseguem assemelhar-se a homens pois na generalidade se pintam escandalosamente. Deixam de ser mulheres porque ignoram as missões sacrossantas que lhes foram confiadas pelo Destino e nunca chegam a masculinizar-se pois nasceram femeas e assim terão de viver. De resto, não é só a aparência que lhes poderia dar liberdade. A mulher que se masculiniza, que troca a graça feminina pela máscula, mais do que nunca é uma escrava, até de si própria. Quando encontro dêstes seres que não são nada, nem fêmeas, nem machos, sinto verdadeira piedade dêles.

A mulher quere liberdade? Muito bem. O tempo da escravidão já passou há muito, mas uma libardade dentro dos limites naturais, fazendo compreender ao homem que possue raciocínio e vontade, sendo feminina, engrandecendo-se e tornando-se independente com as armas próprias do seu sexo.

Lisboa, 7/9/43.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Música

Tocou mais uma vez no campo do Rossio, local impróprio para concêrtos culturais, voltamos a repetir, e agora perigoso pela desagradável temperatura que ali se nota.

A concorrência, por isso, tende a desaparecer.

Frota bacalhoeira

O primeiro lugre que êste ano entrou a nossa barra com peixe da Terra Nova e da Groëlândia, foi o *Neptuno*, que, como os arrastões que o precederam, vem carregado.

Quando a Providência quer...

Festas e romarias

A-pesar-do mau tempo, a concorrência às festas da Senhora das Febres, no bairro piscatório, e à Senhora das Dores, em Verdemilho, foi regular.

Visitai o Parque da Cidade

Encontrando-se encerrada durante o corrente mês e princípios de Outubro a Redacção dêste jornal, rogamos às pessoas que nela tenham de tratar qualquer assunto, o favor de se dirigirem ao estabelecimento do sr. Jeremias Moreira, na Rua Direita, n.º 27, aonde serão atendidas.

Tôda a correspondência, enviada por mão própria, deverá, também, ser ali entregue.

Bilhete da Praia

Costa Nova, 16

Os notivagos encontram-se sempre, principalmente quando há luar e a fúria dos ventos não obriga a preservar os corpos dos seus rigores. Por isso, ao enxergar um antigo freqüentador, como eu, desta linda praia — linda, saüdável e luminosa—que andava a apreciá-la na sua tranqüilidade e ternura, aproximei-me dêle e conversámos.

A lua transformara as águas da ria num lençol de prata e colocados diante dêsse quadro, que a Natureza nos proporcionou, invocámos o passado para recordar, mais uma vez, os costumes de outrora—a nossa mocidade.

Ai! Como eu a vivi e gozei, divertindo-me e amando!

Sim; porque eu amo o belo da Costa Nova desde o mar que docemente a beija rojado a seus pés, e a cinge, e a afaga, e a acaricia, até à solidão da noite, que tem por único atractivo as estrêlas brilhantes do firmamento.

Mas no belo da Costa Nova há mais que se lhe diga. Juntem-lhe os rapazes que a freqüentam diversões como aquelas que nós promoviamos ou às quais nos associavamos; armem-se em pescadores e vão à *chincha*, ao berbigão e ao lingueirão de canudo; façam e organizem serenatas; numa palavra: transformem a tristeza, em que parece andarem mergulhados, na alegria que purifica a alma, eleva o espírito, arrebata o coração, e depois falaremos.

A Costa Nova, não querendo ficar atrás das outras praias, acompanhou o progresso e modernizou-se. Só fez o que devia. No entanto, quando as banzas, quebrando a monotonia da noite, cruzavam as suas notas harmoniosas com a voz dolente dos trovadores em extasi, isto era outra coisa. Não tenham dúvidas. Porque dizer o contrário seria o mesmo que negar a luz do Sol; e o que se pretende — o que eu pretendo — diante dêste panorama admirativo, que não cansa a vista e nos empolga, é comparar o passado com o presente e garantir aos meus companheiros de então que jàmais esquecerei os momentos felizes do seu convívio.

JOÃO DO CAIS

Abertura da caça

Desde o dia 15 que têm a liberdade de dar ao gatilho em todo o país os apaixonados pelos exercícios venatórios. Por isso tanto as lebres, como os coelhos, como as perdizes não gosam dum momento de tranqüilidade. Sempre em perigo, começou para essas espécies — essas e outras mais — a tragédia da sua existência.

Temos pena. Mas deante duma caçoila de coelho bem preparado esquecemos completamente a sorte dos infelizes...

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

Um pouco de tudo

Os meus inúmeros afazeres na capital, impediram-me de vos falar na semana pretérita, de que peço desculpa.

Falar-vos-ei, hoje, dum pouco de tudo que julgo interessar-vos.

Beleza

Já devem ter notado que não sou apologista da pintura, principalmente quando é aplicada em demasia ou mal. No entanto, gosto de ver um rôsto bem tratado, uma pele fina e sem pontos negros nem poros dilatados. O *Glicol*, é de facto, o melhor preparado para a pele. O seu custo não é elevado, limpa e aperta os poros, é bem perfumado e quási tôdas as mulheres se dão maravilhosamente com êle.

As células, que formam o tecido de revestimento, isto é, a pele, necessitam respirar e alimentarem-se convenientemente para poderem viver. Por isso, deve lavar-se o rôsto de manhã com água e sabonete e deixá-lo, pelo menos, meia hora, assim, sem lhe aplicar qualquer créme. À noite a mesma coisa.

Continuam a usar-se os caracois na frente da cabeça, quer os cabelos sejam levantados ou caídos, em canudos ou pequenos rolos.

Geralmente, quando se aproximam os 30 anos a pele do pescôço tende a enrugar-se. Urge aplicar-lhe maçagens de baixo para cima e fazer alguns exercícios de rotação com a cabeça, durante 10 minutos, depois da lavagem habitual.

A maçagem nunca se deve dar a sêco, mas sim com as pontas dos dedos embebidas em créme.

Modas

Estão de pêsames as senhoras que gostavam de mostrar as pernas, pois vestidos da próxima estação descem abaixo do joelho. Ao menos encobrem certas calamidades que por aí se viam, como joelhos sujos, etc.

As côres do outono, para o vestuário feminino é o cinzento, desde o mais claro ao mais escuro.

Vêem-se muitos *tailleurs* cujos casacos são bastante compridos e as mangas largas, sem serem presas no punho.

Continuam os bordados na mesma côr do vestido, embora noutro tom ou de côr diferente.

Continua a voga das duas côres.

Os novos figurinos mostram-nos: bordeaux e cinzento; rosa e bordeaux; cinzento e lilaz; azul acinzentado e vermelho pouco ruivo.

Usam-se grandes bolsos, lisos ou bordados, em redondo, quadrado e lozango.

Higiene alimentar

Entre as várias curas feitas pela cebola devemos salientar:

Ulceras do estômago, mau funcionamento intestinal, rouquidão, etc.

É, pois, de aconselhar as saladas com cebola, as sopas de cebola, os cozinhados com cebolas.

Talvez não saiba que a cebola também afasta as moscas e as baratas?

A cenoura crua cura as doenças nervosas. Raspada e misturada com tomate e cebola faz uma salada muito saborosa.

O agrião é o melhor alimento que temos. Purifica e enriquece o sangue, refresca e alimenta. É a base de grande número de remédios. Com êle se fazem apetitosos pratos.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a interessante Maria Beatriz Marques da Silva Vieira, dilecta filha do nosso amigo Joaquim António Vieira, empregado na filial do Banco N. Ultramarino, e os srs. João Belo, da importante firma Belo & Morais; João de Oliveira Frade, professor em Fafe, e Manuel Cação Gaspar, residente em Penafiel; àmanhã, o sr. Alvaro de Sousa, empregado na filial da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, e o inocente António José Carvalho e Costa, filho do sr. Joaquim da Costa, escriturário da Direcção de Estradas; no dia 20, a gentil Maria Violetina de Oliveira Orfão, filha do sr. Mapril Guerra Orfão e o menino Carlos Alberto Dias, filho do sr. João Jerónimo Dias; em 23, a interessante Maria Emília dos Reis, filha do sr. Joaquim dos Reis, ausentes na América do Norte, e os srs. António Naia Rodrigues da Paula e José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gândara (Oliveira de Azemeis) e em 24, a sr.ª D. Maria Luisa de Almada Saldanha Rodrigues dos Santos, esposa do 1.º tenente da Armada sr. José Rodrigues dos Santos, e o sr. Custódio Marques Pitarma, industrial de panificação em Sacavem.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo realizou-se no último sábado o consórcio da menina Maria José da Silva Dias, interessante filha do sr. João Jerónimo Dias, com o ajudante de farmácia sr. Jaime de Figueiredo, que há anos reside nesta cidade.

Assistiram diversos convidados da intimidade dos nubentes, que tiveram por padrinhos a sr.ª D. Isaura Pereira da Silva e seu marido o sr. eng. José Pereira da Silva, que vieram expressamente de Espinho.

Os predicados que reunem os noivos são garantia de que lhes deve estar reservado um futuro venturoso.

São êsses os nossos desejos ao endereçar-lhes felicitações.

Praias e termas

Regressaram com suas famílias: da Costa Nova, os srs. dr. António Cristo e António Madail, e do Gerez, o sr. Américo Crespo, 2.º oficial da Direcção de Finanças.

Partidas e Chegadas

Veio passar alguns a dias a Aveiro, devendo hoje retirar para Estremoz, onde há pouco foi colocado, o sr. Fernando Augusto José Fernandes, que durante o tempo que exerceu as funções de agente do Banco de Portugal nesta cidade conquistou fundas simpatias.

Agradecemos a gentileza dos seus cumprimentos.

— Estiveram nesta cidade os srs. José Martins Pires, professor em Anadia; Lisandro Migueis Ficado, residente em Arouca, e Celestino Neto, funcionário de Finanças no Pôrto.

Doentes

Encontra-se de cama, inspirando o seu estado alguns cuidados, o menino António Leopoldo Rebocho Cristo, filho do sr. dr. António Cristo, advogado na comarca.

Desejamos o seu restabelecimento.

Atenção para a 4.ª página

Motoristas, atenção!

Pedem-nos para levarmos ao conhecimento dos motoristas desta cidade, filiados no Sindicato de Coimbra, de que foi contratado o sr. dr. Manuel Soares para lhes prestar os seus serviços clínicos.

O delegado em Aveiro daquele organismo é o sr. Joaquim Moutinho Barbudo, que dará todos os esclarecimentos aos interessados.

Inocêncio Camacho

Morreu no sábado, em Lisboa, uma das figuras que mais se destacara na propaganda republicana pela sinceridade das suas convicções, pelo seu ardor, pelo seu entusiasmo, pela sua fé.

Conspirando contra a monarquia, assistiu a um conselho de oficiais realizado a bordo dum navio surto no Tejo, reüniu em sua casa outros conspiradores que tomaram a deliberação irrevogável do movimento revolucionário e em 5 de Outubro de 1910, depois de Eusébio Leão, seu companheiro de luta, ter lido a proclamação do novo regímen, da varanda da Câmara Municipal, Inocêncio Camacho deu conhecimento ao povo, que, no largo fronteiro, formava avalanche, dos nomes escolhidos para o Govêrno Provisório e que a capital acolheu no meio de frenéticos aplausos.

Respeitado em todos os campos políticos devido às qualidades que lhe exornavam o carácter, o sr. Inocêncio Camacho deixa o mundo aos 77 anos após ter exercido vários cargos públicos e de confiança da República, que sempre prestigiou.

Curvamo-nos diante do seu cadáver.

Na Costa Nova

Realizou-se, na Assembleia daquela praia, a anunciada *soirée* que, por causa do mau tempo, não teve a concorrência que se esperava. No entanto decorreu animada, sendo inúmeros os pares que na vasta sala redopiaram até aos primeiros alvores da madrugada de domingo em que a *Orquestra Pinto Camêlo*, de Vages, deu por finda a sua missão.

Entre a assistência via-se a sociedade elegante que na Costa Nova se encontra a veranear.

* * *

Na próxima quarta-feira à noite, nova festa se realisa naquela casa de diversões, prometendo reves tir-se de lusimento. E' uma festa à portuguesa onde não faltarão vestidos de chita e camisolas garridas.

Nota-se já entusiásmo entre a mocidade que ali veraneia.

Agradecemos o convite oferecido ao *Democrata*.

Carta de Lisboa

Política colonial

Calou profundamente na opinião pública, o notável discurso pronunciado pelo sr. ministro das Colónias no acto da posse do novo Governador Geral de Angola, sr. comandante Vasco Alves.

Mais uma vez o sr. dr. Francisco Vieira Machado traçou as directrizes da política colonial realizada e seguida por Portugal desde sempre, no sentido de dar aos povos indígenas um maior grau de desenvolvimento e conseqüentemente de civilização.

A nossa principal missão de país colonial—disse e muito bem o ilustre membro do Govêrno — consiste em chamar à Civilização os povos atrazados.

Efectivamente, a principal característica da nossa benemérita tarefa ultramarina, tem sido civilizar os povos indígenas, dar-lhes no mundo do nosso tempo um lugar que êles não teriam sem o esfôrço grandioso de Portugal.

Acção saneadora

Continua sem tergiversões nem desfalecimentos, a benemérita acção da Intendência Geral dos Abastecimentos, na perseguição aos açambarcadores e especuladores.

Todos os dias à lista já longa dos que prevaricam é acrescentada, mostrando-se assim ao público que, felizmente, há quem zele pelos interêsses da população, quem não consinta que a acção dos exploradores possa campear infrene e destravada.

Felizmente, a obra de saneamento e fiscalização das autoridades, tem sido, neste capítulo, não só em Lisboa como em todo o país, das mais beneméritas e dignas de louvor e agradecimento.

CORDEIRO GOMES

Acto de abnegação

— o —

Caiu na terça-feira à ria uma das várias crianças que costumam juntar-se nas lingüetas do canal que atravessa a cidade e ali brincam despreocupadamente sem atingirem o perigo que correm. Valeu-lhe passar na ocasião o sr. Manuel de Sousa, empregado do Banco Regional, que, atirando-se imediatamente à água, a salvou de perecer afogada, visto a maré estar bastante alta.

O caso foi presenciado por muita gente que louvou o arrojo, a coragem, a abnegação do sr. Manuel de Sousa.

CADA UM...

— o —

Houve um professor de línguas, Francis Hammond, homem prodigioso e sem igual em tôda a história do seu país (era inglês) que escreveu no testamento:

—Fui sempre feliz, não conheci do nunca nem contrariedades, nem desgostos. E fui sempre feliz porque me conformei com a minha sorte, fôsse ela qual fôsse.

Uma vida assim também deve ter qualquer coisa de monotona... Nós achamos. Talvez por questão do temperamento.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Espanha ao Atlântico, do Cabo Mondego a Leixões, da Serra da Estrêla e da Lousã à Ria de Aveiro, vislumbrando nada menos de quatro cidades e cinco distritos — um terço do nosso continente!

Subam à povoação das Talhadas de automóvel pela estrada municipal, ou a pé, em escalada alpinista, pelo *castelo* de Cedrim; admirem as pedras que deram o nome à serra; subam mais um pouco e observem, à volta do Monte Gralheiro, os penedos dos Cucos, do Trigo e da Fazenda, blocos formidáveis de finíssimo granito. Ficarão em êxtasi!

Vejam Paradela com a sua estação e as suas fábricas; Pessegueiro, Rocas e Cedrim, verdadeiros presépios de verdura e casario, e hão-de concordar que nada quási se fica a dever à mais alegre paisagem do Além-Douro. O automóvel leva-os ao Arestal e ao alto de S. Tiago; aí terão a surpreza do planalto luminoso e suave a 850 metros de altitude, uma varanda soberba, abarcando com o olhar serranias imensas e campos e plainos e águas sem limites!

Monumentos megaliticos e documentos pre-históricos demonstram a antiguidade do povoamento. Ali à roda vêem-se vários crastos, o único dólmen intacto do distrito, muitas mamoas, e a pedra com esculturas, dos *Fornos dos Moiros*.

Novas estradas, abertas com sacrifício, comprovam a vontade de progredir dêste povo tão humilde, como são e vigoroso.

Nos recessos da serra, nos lugarejos obscuros, mantêm-se curiosas tradições da vida ancestral: fia se a lã, espadela-se o linho, urde-se no tear doméstico, fazem-se serões; na Agrela, junto à Ponte de Pessegueiro, estrada de Aveiro-Viseu, os mais modernos maquinismos transformam em energia eléctrica a fôrça motriz da hulha líquida.

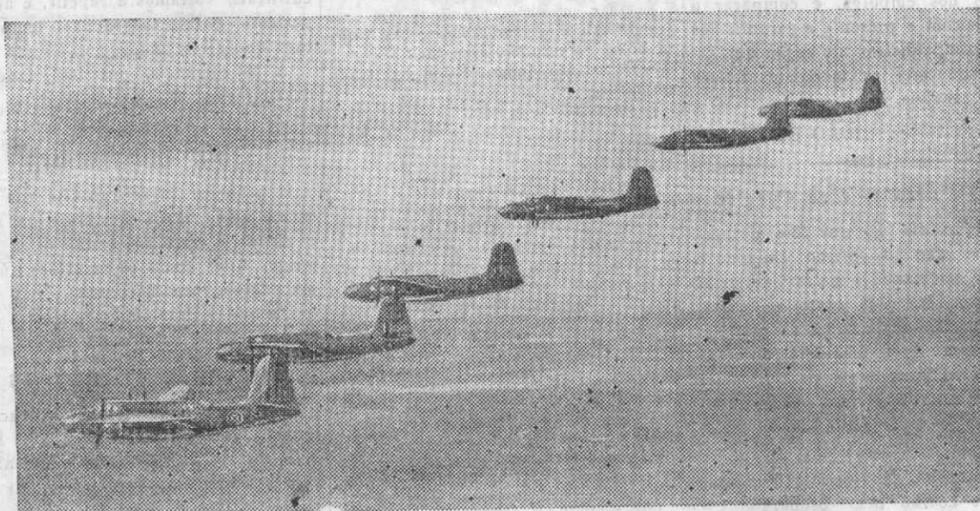
Pomares, pascigos, florestas, minas; frutas, lacticínios, lenhas, madeiras, papel, farinhas, minérios; altitude e insolação, ares e sol retemperadores; vistas lindíssimas, gente simples, acolhedora e trabalhadora, Sever do Vouga merece bem a visita de quantos se interessam pelas belezas e riquezas do país.

Bem a merece, sim, mas não apenas uma visita: antes uma estadia e uma vilegiatura, porque êste recanto das serranias do Vouga, onde o Povo habita a Terra em arreigada aliança de milénios, é, sem favor, um dos verdadeiros encantos de Portugal!

Livros

Edições «*Gleba*» acaba de nos oferecer o primeiro volume da *História do Materialismo* e *Os Espectros*, onde, por pouco dinheiro, se aprende muito e se recreia o espírito.

Agradecemos.

A' MARGEM DA GUERRA

OS BOMBARDEIROS BOSTON DESCEM REPENTINAMENTE DAS NUVENS ATÉ QUÁSI Á ALTURA DOS TELHADOS, LARGAM A METRALHA E VOLTAM Á BASE

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

"Passado, Presente, Futuro„

Com êste título, incluído na colecção *Cadernos da Revolução Nacional,* acaba o S. P. N. de publicar um folheto cuja leitura, muito instrutiva, será de alto proveito para certos burgueses e outros patifes que andam por aí de ôlho terno inclinado para a Soviécia. Na primeira parte está uma ligeira amostra do passado como *proêmio* do futuro, se o bolchevismo triunfasse! Resumindo: assalto ao património nacional; anarquia governativa com govêrnos-relâmpago e funcionários por afinidade política; intervenção de fôrças ocultas no govêrno; bombas e o terror na rua; acções impunes da *Legião Vermelha;* o 19 de Outubro, etc. Obra muito recomendável.

A Estónia

A forma como a Estónia foi tratada pelo bolchevismo é um exemplo elucidativo para todos os países, amigos e inimigos da URSS. Logo que ali puseram pé, os vermelhos começaram por libertar-se de todos os estonianos aptos, servindo-se de medidas pretensamente *legais.* «Decorrido um mês, em virtude dum decreto do conselho supremo da União Soviética, foram mobilizadas as classes de 1905 a 1918. A seguir foi posta em cêna uma nova mobilização, a qual, em conseqüência da ocupação entretanto efectuada pelas tropas teutónicas do sul da Estónia, só foi posta em prática no norte». Era uma aparência de direito militar para a deportação em massa. «Em 16 de Agosto, o comissário bolchevista Schukow ordenou a mobilização das classes de 1922 a 1919 e de 1904 a 1906». Ilegalmente, «os encorporados foram embarcados nos navios «Tönu» e «Libir» que seguiram em direcção a Leninegrado». Aquêles indivíduos não foram tidos como soldados, mas como *emigrantes voluntários,* não gozando de nenhuma protecção legal. «Mal agasalhados e ainda pior alimentados, foram reünidos num acampamento, como se se tratasse de criminosos. Dali foram levados a pé, através de centenas de quilómetros, para irem trabalhar no distante nordeste da União». «Estenuados, sofrendo fome e frio, muitos dêles caíram pelo caminho. Os seus corpos foram pasto de alcateias de lobos que seguiam na esteira das colunas».

¿E' isto o que pretendem os nossos zarolhos comunistas e comunizantes? E não se convencerem tais asinidades de que nem êles próprios escapariam ao mesmo destino!

«Devido a essa mobilização forçada, perdeu a Estónia 35.582 dos seus melhores filhos. Só na cidade de Reval foram 20.935 os homens que tiveram tão desgraçada sorte». O número total de deportados estónios para a Rússia ascende a 60.973, compreendendo 90 % de homens, 7 % de mulheres e 3 % de crianças. A orgia sanguinária não poupa ninguém.

Sob o comando da fome

O exército vermelho, gigantesco como é, precisa dum celeiro formidável onde se abasteça. A URSS tinha êsse celeiro na Ucrânia cuja perda afectou essencialmente as suas provisões. E a fome passou a comandar as ofensivas soviéticas. Assim se explica a ofensiva de verão ainda que a URSS tivesse «mais vantagem em preparar-se para uma batalha de inverno, se se tratasse tanto de considerações de ordem militar como de apanhar o pão da Ucrânia». Dêste modo se compreende que «quando na Primavera dêste ano começaram os trabalhos de amanho dos campos na Ucrânia, os bolchevistas dirigissem apelos à população para que cultivasse os campos com tôdas as fôrças e meios disponíveis, visto que o exército soviético apareceria no verão para colher os frutos». Efectivamente, «nenhuns actos de sabotagem se verificaram nas regiões infestadas de bandos bolchevistas»» porque «o trigo da Ucrânia era o objectivo principal da ofensiva soviética de verão»; e até, «numa ordem dirigida ao exército soviético foi indicado o dia 28 de Julho como data até à qual os sovietes deviam alcançar o Dniepre» tendo oficiais aprisionados confessado que o objectivo táctico «da ofensiva era a reconquista de tôda a Ucrânia até fins de Agosto—o mais tardar». Entretanto, «na Ucrânia do sul começou, em princípios de Julho, a colheita do trigo. Com cada semana que passava a colheita fazia-se cada vez mais para o norte, estando hoje terminada». Dentro em pouco findarão também as colheitas do milho e do girassol; as datas dos vermelhos estão mais do que ultrapassadas a-pesar-de terem sido «destruídos verdadeiros montes de material e de ter sido sacrificado, em vão, um número inconcebível de seres humanos» que para Staline só contam como matéria de utilidade.

Festas à beira-mar

—o—

Tudo leva a crêr que as festas que êste ano se realisam à Senhora da Saúde na Costa Nova do Prado, atinjam o máximo brilhantismo, pois os seus promotores estão empenhados em proporcionar aos banhistas da ridente praia e ao grande número de forasteiros que ali costumam afluir, números da maior sensação, o que nos apraz registar.

Do programa elaborado consta:

Dia 25

Alvorada pelos gaiteiros e foguetório.

A' tarde — Chegada do *Rancho de Condeixa*, com a banda da mesma localidade e da Filarmónica Ilhavense, que desfilarão pela praia, cumprimentando os mordomos.

Corridas de cantarinhas, de sacos e de argolinhas, com prémios aos vencedores.

A' noite—Exibição do Rancho, das 21 às 23 horas, no *Cine-Avenida*; em seguida concerto pelas bandas de Ilhavo e de Condeixa, à beira-ria, e no final uma sessão de fôgo de artifício.

Dia 26

Alvorada pelos gaiteiros e mais foguetório.

A's 10 horas — Desfile, pelas ruas, das mencionadas bandas e da *Amizade*, desta cidade, que, juntamente com o Rancho e os gaiteiros, saüdarão os banhistas.

A's 11 horas—Início das festas religiosas com missa campal, ao norte, junto da ria.

A's 13 horas - Missa solene na capela onde se venera a imagem da Senhora da Saúde e em seguida procissão, na qual se devem incorporar as três bandas de música.

A' noite — Novamente festival em que tomarão parte as referidas bandas e o Rancho, fôgo aquático e do ar, etc.

Dia 27

Alvorada.

A's 14 horas—Entrega do ramo aos novos mordomos e concurso de danças populares com prémios aos que melhor se exibirem.

A's 17 horas—Regatas na ria com barcos: andorinhas, moliceiros, lusitos e botes à vela, e concêrtos musicais.

Eis, nas suas linhas gerais, o que está projectado, faltando acrescentar que do Couto de Cucujães irá um ornamentista engalanar as ruas e que o fôgo será fornecido por pirotécnicos de Viana do Castelo.

* * *

A'quela festa segue-se a da Senhora dos Navegantes, na Barra, que é a mais concorrida de gente da cidade, e depois a Senhora das Areias, em S. Jacinto, que, como se sabe, é a predilecta do povo do nosso bairro piscatório.

Tanto numa como noutra não sabemos ainda o que está projectado.

Atenção para a 4.ª página

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

Correspondências

Esgueira, 15

Conforme aqui dissemos a festa à Senhora do Rosário, que à nossa terra costuma atrair bastante gente, realiza-se nos dias 18, 19 e 20 do corrente, estando contratadas a *Banda José Estêvão*, dessa cidade, e a de Eixo para a abrilhantar.

O arraial nocturno realiza-se no sábado com vistoso fôgo de artifício, saindo no domingo, depois das solenidades religiosas, a procissão que percorrerá o itenerário do costume.

São aqui esperados muitos conterrâneos nossos que aproveitam êsses dias festivos para visitarem suas famílias.

—Finou-se, com 60 anos de idade, António Marques da Cunha, que há tempo se encontrava paralítico. Teve um entêrro bastante concorrido.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

—Regressaram das Termas de S. Pedro do Sul os srs. dr. Júlio Catarino Nunes e António Joaquim de Pinho.

C.

Costa do Valado, 16

Lemos neste jornal que fôra vindimado, em Oliveira de Azemeis, um cacho de uvas com o pêso de 2.100 gramas e que tinha de altura 55 centímetros. Pois entre nós também há dêles pouco mais ou menos assim, como tivemos ocasião de verificar na propriedade do nosso amigo Albino Vieira dos Santos num dos dias desta semana.

A Natureza foi, êste ano, pródiga em fruta. Mas como da uva provém o vinho e a aguardente—que quantidade vai resultar duma e doutra coisa!

Estão de parabens os amigos da boa pinga, para todos os efeitos, devotos de Baco.

C.

Oliveirinha, 16

O mau tempo prejudicou bastante a nossa festa para a qual se contrataram três músicas: a de Fermentelos, a de Travassô e a de Eixo, esta chefiada pelo sr. João Antónío, que pertenceu à de Infantaria 19, de Aveiro.

Ainda assim efectuaram-se no domingo e na segunda-feira os arraiais em frente à igreja, produzindo a iluminação a electricidade surpreendente efeito. Foi queimado abundante fôgo, algum de fazer tremer as casas, mas a procissão não saiu.

Foi pena, porque a comissão, composta dos srs. José Ferreira Dias, Manuel Fernandes Romão e José Rodrigues Vieira capricharam em organizar um programa de festejos à altura da freguesia.

C.

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 2 do próximo mês de Outubro, pelas 14 horas, na carta precatória para arrematação de bens móveis, vinda da comarca de Coimbra, extraída da acção sumaríssima, na acção de sentença, requerida por Francisco dos Santos Neto, casado, industrial, de Coimbra, contra José Ucha Otero, casado, industrial, residente na Costa Nova, proceder se á na Costa Nova, à arrematação em hasta pública do recheio do Café Marisqueira e em Ilhavo da casa de habitação do dito executado José Ucha Otero, a-fim-de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima dos respectivos valores porque foram penhorados.

Aveiro, 31 de Julho de 1943.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
António Gurgo

O Chefe de Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	11,15 (»)
6,54 (tram.)	15,41 (tram.)
11,10 (tram.)	19,34 (rápido) [1]
13,23 (rápido) [1]	21,52 (recov.)
17,24 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 7,53 e 21,07 que não seguem.
20,40 (»)	

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	17,6 [1]
17,51 [1]	19,11
19,42 [2]	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Visitai o Parque da Cidade